

Illustração Portuguesa

DIRECTOR: Carlos Malheiro Dias — Propriedade de J. J. da Silva Graça — DIRECTOR ARTISTICO: Francisco Teixeira

Assignatura para Portugal, colonias e Hespanha

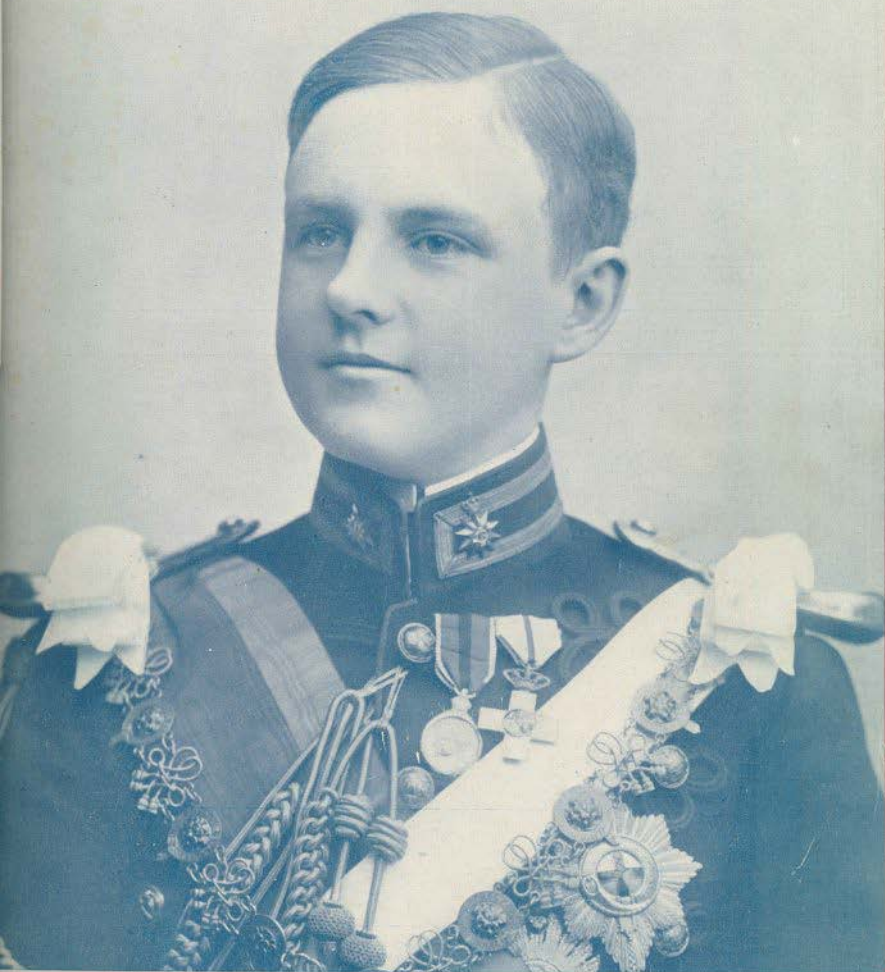
Assignatura conjunta do Seculo, do Supplemento Humoristico do Seculo e da Illustração Portuguesa

PORTUGAL, COLONIAS E HESPAÑHA

ANNO..... 48800
Semestre..... 25400
Trimestre..... 18200

ANNO..... 85000 Trimestre..... 28000
Semestre..... 48000 Mez (em Lisboa)..... 700

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFFICINAS DE COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — Rua Formosa, 43



Summario

Capa: RETRATO DE S. A. O PRINCIPE REAL (Cliche da phot. Bobone) ● **Texto:** DE VILLA REAL ÁS PEDRAS SALGADAS: INAUGURAÇÃO DE UMA NOVA LINHA FERREA, 16 illustr. ● CONCURSO DA PRIMAVERA: A EXPOSIÇÃO DE PREMIOS, 13 illustr. ● AS NOSSAS EXPOSIÇÕES, 2 illustr. ● AQUI D'EL-REI! IDENTIFICAÇÃO D'UM CRIMINOSO, 18 illustr. ● LOURENÇO MARQUES, 5 illustr. ● NO PAIZ DO CACAO: VIAGEM DE S. A. O PRINCIPE REAL, 24 illustr. ● LÁ POR FÓRA, 11 illustr. ● MEMORIAS DO CHEFE JACOB, 5 illustr.

LIVRO DE OURO DA MULHER

A mulher medica de sua casa

Livro de hygiene e medicina familiar, indispensavel em todas as casas
Premiado na exposiçõ de Leipzig de 1904

Pela Doutora ANNA FISCHER DUCKELMANN

Traduzido e adequado pelo Dr. ARDISSON FERREIRA
Medico da Santa Casa da Misericordia de Lisboa

OBRA PUBLICADA COM GRANDE SUCESSO NA ALLEMANHA, FRANÇA, HOLLANDA,
ITALIA, RUSSIA E HESBANHA

CENTENARES DE GRAVURAS — LINDISSIMOS CHROMOS

Fasciculos de 16 paginas **60 réis**. Tomo de 80 paginas **300 réis**

Pedidos
à antiga

CASA BERTRAND

73, R. Garrett, 75
LISBOA

Gravuras

Chromos

NOUVEAU PARFUM
VIOLET
29, B^{is} des Italiens, PARIS

PRINCEIA



O passado, presente e futuro revelado pela mais celebre
chiromante e physionomista da Europa, Madame Brouillard



Diz o passado e o presente e preziz o futuro, com veracidade e rapidez: é incomparavel em vacticnios. Pelo estudo que fez das sciencias, chiromancias, chiromonogia e psychognomonia e pelas applicações praticas das theorias de Gali, Lavater, Desbarrolles, Lambrøze, d'Arpenligney, Madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada peos numerosos clientes da mais alta cathogoria. a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol.

Da consultas diarias das 9 da manhã as 11 da noite, em seu gabinete, 43, rua do Carmo, sobreloja. Consultas a 1\$000, 2\$500 e 5\$000 réis.



PREMIADA em varias EXPOSIÇÕES — FORNECEDORES da CASA REAL

NOVO DIAMANTE AMERICANO

Rua de Santa Justa, 96 (Junto ao elevador)

A mais perfeita imitação até hoje conhecida. A unica que sem luz artificial brilha como se fosse verdadeiro diamante. Anéis e alfinetes a **500 réis**, broches a **800 réis**, brincos a **1\$000 réis** o par. Lindos collares de perolas a **1\$000 réis**. Todas estas joias são em prata ou ouro de lei.

Não confundir a nossa casa

Agente em Paris: — Camille Lipman, 26, Rue Vignon

DE VILLA-REAL ÀS PEDRAS-SALGADAS

INAUGURAÇÃO DA NOVA LINHA FERREA



Na Regoa: aguardando a chegada do comboio real



Entrada do comboio na gare da Regoa

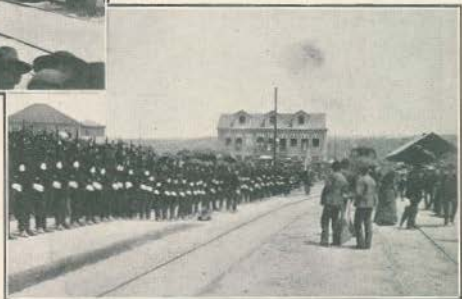
uma indiscutível utilidade para a região que serve, tendo, além d'isso, o merito de facilitar o acesso a maguifica estação de aguas transmontana.



Em Villa Real: á espera do comboio regio

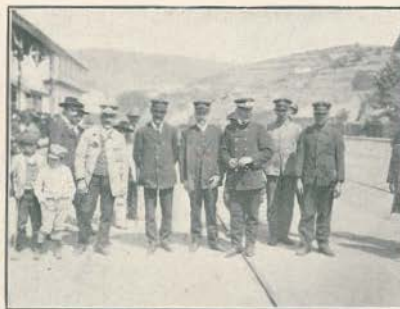
COINCIDINDO com a viagem d'El-Rei ás Pedras Salgadas, para a sua cura de aguas d'este anno, o governo autorizou a abertura á exploração provisoria do novo troço da linha ferrea do Douro, que fica ligando Villa Real com aquella afamada estancia minero-medicinal. A respectiva inauguração realisou-se, pois, no domingo 14 do corrente.

O novo caminho de ferro, cujo percurso é de 37 kilometros, segue de Villa Real, em rampa, até Villa Pouca d'Aguiar, começando desde este ponto a descer até ás Pedras



O 13 de infantaria formado no caes da estação de Villa Real

Salgadas. Parte do trajecto faz-se entre elevadissimas e alcantiladas montanhas, e em quasi todo elle o rio Corgo acompanha o comboio, correndo ao seu lado em zigzagues caprichosos. A vegetação é por toda a parte exuberante e viçosa, e a paisagem apresenta uma grande diversidade de aspectos graciosos. E' por isso que, apesar de lhe faltarem obras de arte importantes, o ramal de Villa Real ás Pedras Salgadas, fica sendo uma das linhas mais pittorescas do paiz, da mesma forma que, sob o ponto de vista economico, assume

Em Villa Real: *Em continência!**El-Rei e a comitiva recebendo cumprimentos**O pessoal da nova estação**A' saída da gare*Nas Pedras Salgadas: *A carruagem regia**Os carros da comitiva real*

Antigamente, de Villa Real ás Pedras Salgadas, o trajecto conquanto relativamente facil, e embora feito por estradas pittorescas, era em todo o caso, alguma coisa aborrecido para os viajantes d'esta época, a quem os requintes de commodidade e as conveniencias de rapidez, que offerece o caminho de ferro, fazem desdenhar a poesia e o imprevisito das velhas jornadas com os meios

classicos de transporte. Agora nem resta já esse pretexto futil para allegar. A formosa estancia de verão, com a sua admiravel paisagem de montes e de valles, com todos os seus celebrados encantos, tornou-se accessivel aos mais exigentes de todas as facilidades da vagabundagem luxuosa e de prazer.

E como as Pedras Salgadas ficam no coração de Traz-



Uma manifestação na gare



A' saída da estação



El-rei apeiando-se á porta do hotel Avellames



Os velhos transportes . . . resistindo ao progresso



Manifestações monarchicas

os-Montes, devemos esperar que essa linda e forte provincia, que tão lindos espectaculos da natureza offerece aos olhos do forasteiro, e é, comtudo, ainda tão pouco conhecida, será d'aqui por diante mais visitada e mais mercidamente apreciada. E' o que tem succedido a todos os pontos até onde a linha ferrea tem ido penetrar;



Typos populares de Traz-os-Montes

é o que succederá decerto a Traz-os-Montes d'aqui por diante. E bom é que nos resolvamos a visitar tambem esta linda terra de Portugal, que tão abandonada anda da nossa curiosidade, injustamente absorvida de preferencia pelas coisas de lá de fóra, que só, em segundo lugar, deveriamos sentir o desejo de vér.

CONCURSO DA PRIMAVERA

A EXPOSIÇÃO DOS PREMIOS



*A instalação do café da Brasileira—Um aspecto da exposição antes de facultada a entrada ao público—
Uma tarde de entrada na exposição—O público esperando ingresso na galeria*



Mobiliá de quarto, completa, offerecida pela casa Reis & Fonseca

MANTEVE-SE constantemente crescente o successo da exposição dos premios do Concurso da Primavera durante todos os dias que esteve aberta e em que foi visitada por dezenas e dezenas de milhares de pessoas. Nunca até hoje uma iniciativa jornalística qualquer,

do genero d'estas, foi coroada de tão completo e absoluto exito. Não exageramos dizendo isto, e todas as pessoas que visitaram a exposição e puderam assistir ao ininterrupto movimento do publico nas galerias do Auto-Palace o reconhecerá sem qualquer hesitação.



Outra mobiliá de quarto offerecida pela Grande Mercenaria Moderna



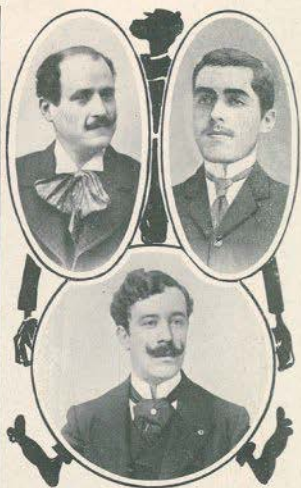
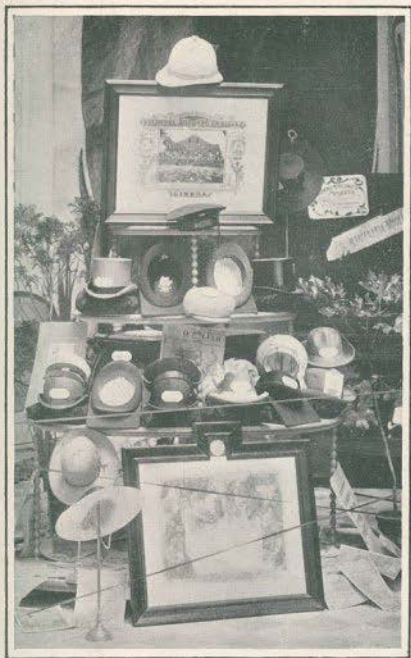
Os premios da Loja da America

No dia em que a exposição terminou, a empresa do *Seculo* teve a ideia de abril-a tambem a noite, tornando, porém, as entradas pagas, destinando o producto respectivo a alguns estabelecimentos de beneficencia e para distribuicão

de esmolas aos pobres. E a essa lembrança o generoso povo de Lisboa associou-se ainda com o maior entusiasmo, concorrendo em grande numero á festa de caridade organizada no Auto-Palace.



Um aspecto da exposicão



Exposição de chapéus do sr. Silva
— O sr. Eduardo Reis — Reis, filho
— O sr. Alfredo Moraes

Assim, quantas pessoas tornou felizes o Concurso da Primavera! Devem naturalmente principiar por contar-se aquelles a quem a sorte favorecerá hoje, distribuindo-lhes premios, que poderão ser, como se sabe, muito importantes, e que, em todo o caso, são, sem excepção, valiosos. Quem alcançar, por exemplo, o automovel ou o magnifico *coupé* de luxo, ou mesmo o sacco com cem libras, só que seja, parece-nos que não pode já dizer que não teve, um dia, um sorriso da fortuna. Depois d'esses, que são decerto os mais privilegiados, bastantes outros ha ainda que contar, e a todos temos agora que acrescentar os que serão contemplados na distribuição que vae ser feita do producto liquido da festa com que se encerrou a exposição do Auto-Palace.



Uma das vitrines com objectos de ouro e prata
(CLICHÉS DE BENOLIEL)

AS NOSSAS EXPOSIÇÕES.

O JORNALISTA ITALIANO GUELFO CIVININI — Os últimos acontecimentos políticos occorridos em Lisboa foram amplificados, como se sabe, pela imprensa europeia d'uma maneira quasi aterradora. D'esse facto resultou decidirem-se alguns jornaes mais importantes a enviar a Portugal reporters seus para se informarem directamente da realidade da situação.

Um d'esses jornalistas que visitaram agora o nosso paiz foi o sr. Guelfo Civinini, redactor do *Corriere della Sera*, um dos mais conhecidos e populares jornaes de Milão, que na nossa capital é bastante lido. O nosso illustre collega teve a gentileza de nos honrar com uma visita á exposição Battistini, na mesma occasião em que visitou o *Seculo*.



EXPOSIÇÃO BATTISTINI.—Encerrou-se no domingo 14 do corrente a exposição, realisada na sala de festas da *Illustração Portuguesa*, dos bellos *panneaux* executados pelo distincto artista sr. Leopoldo Battistini para decoraçào das paredes da magnifica casa do sr. Candido Sotto Maior.

N'esse dia realisou-se a visita á exposiçào da Academia de Estudos Livres, e a estampa que publicamos apresenta um grupo de socios d'aquella sociedade scientifica por occasiào da visita.

Foi esta a quarta exposiçào promovida pela *Illustração Portuguesa*, e que, como todas as precedentes, teve uma numerosa e selecta concorrência, todos os dias que durou.



Exposiçào Battistini. No dia do encerramento: um grupo da Academia de Estudos Livres em visita á Expo

Aqui d'el-rei!

IDENTIFICAÇÃO DE UM CRIMINOSO



«Ex digito gigans»

Pelo dedo se conhece o gigante, dizia o proverbio latino; pelas dedadas se descobre o criminoso, diz a policia judiciaria moderna. Entre o sentido das duas maximas ha sensivel distincção: a primeira tem um valor figurado, pois que se dirige ás qualidades moraes do individuo, ao passo que a segunda tem um sentido pratico, concreto, pois que se refere aos seus caracteres phisicos. E antes de mais nada o que se entende por *identificação* e para que serve, visto que no nosso seculo utilitario e pratico uma instituição mede-se em geral pelas vantagens palpaveis que d'ella aufera a sociedade.

Identificação vem a ser o processo ou processos que tem por fim verificar que um individuo é realmente quem elle diz ser ou aquelle que a justiça supõe que seja.

E a verificação da identidade é uma preocupação que deriva de mais d'um acto da vida social. A necessidade de se premunir contra a eventualidade de confundir um individuo com outro constituiu sempre o *desideratum* das administrações publicas, dos tabellães, juizes, etc., etc. D'aqui provém talvez o antiquissimo uso de juntar ao nome baptismal do cidadão o seu nome de familia ou appellido.

Quando se suspeita que um individuo, por astucia ou por interesse, renega o seu nome e qualidade, sente-se a necessidade de recorrer a um meio mais seguro, qual é, por exemplo, o da notação dos seus caracteres phisicos: altura, fórma do nariz, côr dos olhos, envergadura, etc., notação que ainda é hoje empregada em linguagem de passaportes. E esta necessidade torna-se um verdadeiro dever no reconhecimento dos delinquentes, especialmente d'aquelles que, havendo já sido condemnados, tem o maior interesse em dissimular o seu estado civil quando de novo se encontram perante a justiça: — o codigio penal não é clemente para com os reincidentes.



Fig. 2 — Impressão digital do typo sarco



Fig. 6 — O dactyloscopista, isto é, o empregado encarregado de obter as impressões digitais, segura no indicador esquerdo do individuo e dispõe-se a volar a cabeça do dedo na respectiva divisoria do boletim

A legislação antiga soccorria-se por vezes d'um processo que era a um tempo meio d'identificação e

penalidade: referimo-nos ao barbaro systema da *marca*. E' assim que em Roma ao escravo que se

evadia de casa do seu senhor se marcava um F (*fugitivo*) a fogo sobre a testa. Em Portugal foi abolida esta lei por determinação regia de 27 de fevereiro de 1523, muito antes do que succedeu em França, porquanto, sobrevivendo á Revolução, só foi expurgada dos codigos em 1832, sendo uma das mais illustres victimas d'aquella barbara lei a famosa condessa de La Motte, a celebre aventureira de *l'affaire du Collier de la Reine*. Não ha muito tempo ainda que na Siberia se viam condemnados em cuja face estava impressa a fogo uma letra ou um signal designando o genero de delicto que commetteram, ou a especie de pena a que foram condemnados.

Com a descoberta da photographia inaugura-se uma nova era para a identificação, era ephemera, todavia, porquanto a photographia não satisfaz nenhuma das condições exigidas n'um perfeito systema de identificação.



Fig. 2 — Impressão digital do tipo «colchete»

Um retrato d'um criminoso obtido aos vinte annos, por exemplo, pouco ou nada se poderá assemelhar ao do mesmo individuo passados dez ou quinze annos: as degradações que o tempo impri-

me ao rosto, os artificios da cosmetica, o talho da barba, etc., alteram profundamente o *facies* do individuo. De resto é impossível classificar as photographias, e, n'este caso, como manobrar n'um monte de *clichés* photographicos?

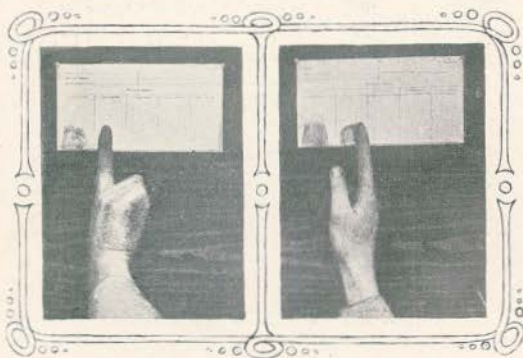


Fig. 8 e 9 — Maneira de rolar os proprios dedos quando se não é auxiliado por outrem

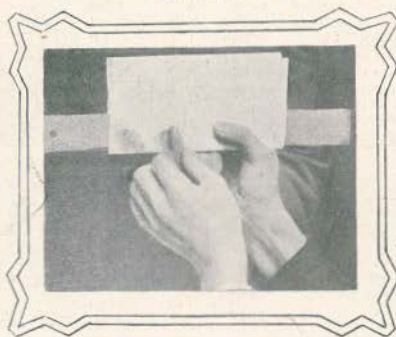


Fig. 7 — N'esta figura vê-se claramente o indicador do individuo seguro pela mão esquerda do dactyloscopista

assim d'abrçar os criminosos juvenis e Deus sabe quão precoce é a criminalidade juvenil mórmente

nos grandes centros. Além d'isso requerer processo de Bertillon um instrumental delicado e dispendioso e um pessoal numeroso e educadissimo.

De resto todos os paizes ou o aban-



Fig. 3 — Impressão digital do tipo «turbilhão»

Em 1883 installa-se em Paris um processo de identificação creado por Alph. Bertillon, que desde logo conquistou o suffragio geral. Funda-se aquelle processo, conhecido sob o nome de «Bertillonagem», sobre a

nulla ou insignificante variação de certos ossos do esqueleto depois dos vinte annos. Além d'isso a parte signaletica do preso (côr dos olhos, altura, comprimento do pé, envergadura, etc.) é descripta com minuciosidade e preceitos inegalaveis. Não é nosso intuito descrever o processo de Bertillon, nem isso caberia nos estreitos limites d'um artigo de vulgarisação. Basta dizer que o processo enferma d'um irremediavel defeito, que vem a ser a sua não applicação antes dos vinte annos, deixando

donaram (Portugal, Inglaterra, Austria, etc.) ou empregam-no concomitantemente com a *dactyloscopia* (França, Noruega, Alemanha, etc.), processo este que é muito superior à bertillonagem em simplicidade d'execução, facilidade d'apprendizagem, effica-



Fig. 10—Impressão digital deixada n'uma chaveira e pela qual se reconheceu o indivíduo que praticou um roubo n'uma casa de Zurich

cia e segurança dos resultados. *Ceci tuera cela.*

O que vem a ser, pois, *dactyloscopia*, essa palavra d'aspecto exótico e com pronúncia dos laivos de hellenismo?

Vamos responder n'um instante.

Se o leitor examinar, á vista desar-

Impressão rolada dos dedos das mãos

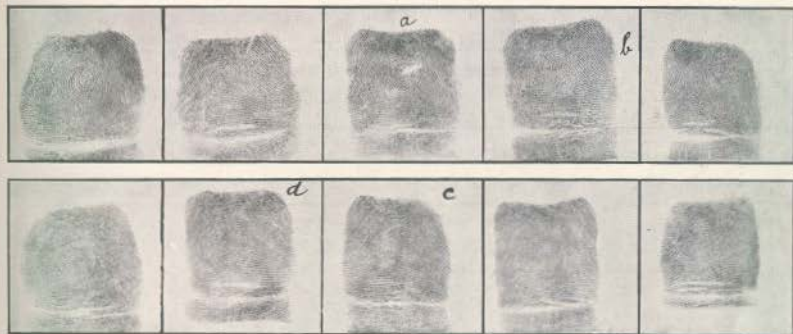
Pollegar

Indicador

DIREITA
Medio

Anular

Auricular



Impressão de CHAPA e simultanea, dos dedos INDICADOR, MEDIO, ANNULAR E AURICULAR das mãos direita e esquerda

MÃO ESQUERDA

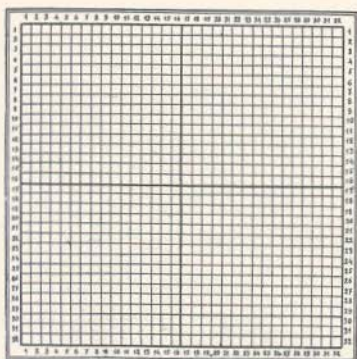
MÃO DIREITA



Fig. 11

N'esta impressão o empregado enganou-se na ordem por que devia obter as impressões e collocou na divisória do medio direito a impressão do anular e na divisória do medio esquerdo a impressão do indicador, facto que se revela nas impressões de chapa. D'aqui a importancia d'estas ultimas

mada e ainda melhor com o auxilio d'uma lente, a polpa dos seus dedos, sobretudo da ultima phalange (a que se dá vulgarmente o nome de *cabeça do dedo*), verá que a superficie da polpa é sulcada d'innúmeras linhas ou finissimas cristas que lhe dão o aspecto d'um campo recentemente lavrado ou a imagem d'uma superficie liquida levemente ondulada pela viração da tarde. Se proseguirmos no nosso exame aos demais dedos, veremos as mesmas linhas ou cristas (*linhas papillares* em linguagem technica), mas revestindo desenhos diferentes, como se pode ver na figura 1 e 3 que



Boletim usado no Posto Antropométrico de Lisboa

É um armario de madeira, contendo 1024 caçifos

Impressão rolada dos dedos das mãos

Pollegar

Indicador

DIREITA
Medio

Annular

Auricular



Impressão de CHAPA e simultanea, dos dedos INDICADOR, MEDIO, ANNULAR E AURICULAR das mãos direita e esquerda

MÃO ESQUERDA

MÃO DIREITA



Fig. 4
Modelo do boletim usado no Posto Antropométrico de Lisboa (face anterior)

representam o dedo medio e o annular d'um mesmo individuo. (Passando as pontas dos dedos pelo cabelo, sempre mais ou menos oleoso, e apoiando-as levemente sobre uma superficie lisa, metal ou madeira polidos, vidro, etc., obtem-se dedadas perfectas onde se podem estudar nitidamente todos os pormenores).

Examinando as pontas dos dedos, face palmar, d'outras pessoas, notamos com admiração que não ha um só desenho que seja igual ao das nossas mãos! Por mais que se generalise o nosso estudo, encontraremos sempre esta verdade na lei jámas

dementida: *Não ha duas pessoas que possuam a mesma fórma e a mesma direcção das linhas papillares dos dedos*, ou, o que é a mesma coisa, não ha duas impressões digitaes eguaes, considerando que é mais simples e mais facil estudar os desenhos no papel, por meio d'impressão, do que no proprio dedo.

Estudos de Galton, entre outros, demonstraram outrosim que esses desenhos não variam no mesmo individuo desde o berço até ao tumulo. Taes nasceram, taes morrerão. De resto acontece com as impressões digitaes o mesmo que succede com outras partes do corpo: um individuo que nasce com um nariz aquilino, bocca pequena ou beiços grossos, por exemplo, conservará toda a vida aquelles attributos, pouco ou nada modificados nos seus contornos geraes. D'isto resulta uma formula que se pode enunciar do modo seguinte: *as impressões digitaes conservam-se immutaveis no mesmo individuo desde o nascimento até á morte*.

São estas as leis sobre que assenta o processo da identificação pelas deda-das ou impressões digitaes.

Quantos *typos* ou modelos podem revestir as impressões digitaes?

Simplemente tres, por mais complicados e emmanhados que se nos affiguem os desenhos.

A figura 1 é um *colchete*: aqui as linhas papillares partindo do lado direito da figura arqueiam-se tambem, mas em vez de continuarem na direcção primitiva voltam ao ponto de partida, formando uma serie de laçadas circumscrip-tas umas ás outras.

A figura 2 é um *arco*: as linhas papillares partindo d'um ponto da figura arqueiam-se levemente antes de continuarem a sua direcção. Dir-se-hia uma serie de arcos sobrepostos uns aos outros.

E' a figura que se vê tambem no indicador direito do boletim figura 4.

A figura 3 é um *turbilhão*: as linhas partindo d'um ou d'outro lado da figura enrolam-se sobre si mesmas em graciosas volutas, antes de proseguir-

rem na sua marcha primitiva, apresentando o aspecto d'um redemoinho de poeira levantada d'uma estrada.



Dr. Manoel Diogo de Sousa Leite Valladares

São estes os tres typos ou modelos a que se podem reduzir os desenhos das impressões digitaes. Na figura 4 encontrará o leitor aquelles tres modelos. Deve notar-se a grande frequencia dos boletins em que só ha *arcos* e *colchetes*, o que determinou a confecção de dois armarios distinctos para a armariação dos boletins; um, representado na figura 13, comporta sómente boletins em que não haja *turbilhões*, ao passo que o armario da figura 12 contém apenas os boletins nos quaes se encontram sempre *turbilhões*.

Ha um processo engenhosissimo de classificar os boletins, dividindo-os pelos diferentes cacifos dos dois armarios, de maneira que facilmente se descubra um dado boletim: a sua explicação, porém, levar-nos-hia muito longe e seria de resto d'um problematico interesse para a maioria dos leitores.

Este artigoito visa simplesmente a traçar, *grossomodo*, os delineamentos d'um processo de identificação muito superior a qualquer outro pela sua simplicidade, pela sua efficacia, pela sua segurança e ainda pela sua extrema barateza.

O meio de obter as impressões digitaes é dos mais simples. Com um rolo de borracha estende-se sobre uma lamina de zinco ou uma placa de marmore um pouco de tinta de impressão. Colloca-se sobre a lamina o dedo do individuo, cujo dedo por este modo fica impregnado de tinta, e applica-se em seguida sobre o boletim (figuras 6, 7, 8 e 9).

O methodo das impressões digitaes pode ainda auxiliar a policia na descoberta d'um malfecedor: tal o caso da impressão d'um pollegar n'uma chaveana, deixada impressa por um gatuno, n'uma casa de Zurich, figura 10.

Em 1898 foi estrangulada em Blackheath, logarejo perto de Londres, uma senhora na casa onde resi-

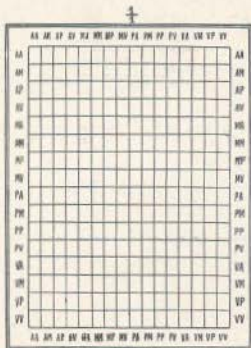


Fig. 13

Arquivo do boletim em que não ha *turbilhões*

dia. Não havia o menor indício ácerca de quem pudesse ser o assassino; o crime foi praticado de noite e nenhum vizinho deu fé de qualquer facto anormal na fatídica noite.

A policia, porém, examinando meticolosamente a casa onde se tinha perpetrado o crime, notou que o assassino se tinha introduzido na casa escalando uma janella e apoiando-se pelos dedos da mão ao peitoril. Felizmente a tinta ainda estava bastante fresca e lá estavam na peitoril as dedadas do malfeitor. Procurando no archivo se havia algum boletim com as mesmas impressões, a policia descobriu n'alguns minutos o nome do assassino.

Ha dois ou tres annos suicida-se na ponte dos vapores do Caes do Sodré um pobre homem, cujo reconhecimento era impossivel fazer-se na Morgue de Lisboa. O dr. Xavier da Silva, que a esse tempo

preparava uma excellente these sobre «dactyloscopia», lembrou-se de obter as impressões digitais do morto e procurar no archivo do Posto Anthropometrico de Lisboa se havia algum boletim igual. Em poucos minutos reconheceu a identidade do cadaver exposto na Morgue, visto que o desgraçado já tinha soffrido uma leve condemnação e tinha deixado no Posto as suas impressões, isto é, a sua identidade.

A organização do Posto Anthropometrico de Lisboa e a introdução da dactyloscopia em Portugal deve-se ao seu actual director, dr. Valladares, que se não tem poupado a esforços para dotar o nosso paiz com uma repartição de identificação igual ás melhores do estrangeiro. De resto foi esta a impressão geral e unanime dos congressistas que visitaram o Posto por occasião do congresso internacional de medicina.

Posto Anthropometrico Central de Lisboa
Secção de identificação (systema dactyloscopico)

Bol. de Berrillon. N.º _____ Bol. N.º _____ F. _____

Instrucções pessoais

Nome *Juanito Antonio*
Alcunha *O Bravaco* Edade *24 annos* Nat. *Port.*
Filiação *meu avô*
Estado civil *solteiro* Profissão *secundario* Instrucção *analphabeta*

Registo Criminal

OBSERVAÇÕES

Tetragon. L.º _____ pag. _____

Assignatura do prep. _____

Lisboa, 11. de Maio de 1907.
O Dactyloscopista

M. Valladares

Modelo do boletim usado no Posto Anthropometrico de Lisboa. (Fase posterior)



LOURENÇO MARQUES O GREMIO MILITAR



Vista do quartel da Ponta Vermelha — O stennis do Gremio Militar — Mess dos officiaes do quartel da Ponta Vermelha



Grupo de jogadores do tennis — 1.º plano, da esquerda para a direita: Coronel Chedas Sant'Anna, tenente Gorjão de Moura, capitão David Rodrigues e tenente Fernando Vilhena.
2.º plano, idem: Tenente Velloso, Henrique Eurico da Silva, Abreu, Pinho, machinista naval Miranda, tenente Campos e commissario naval Aguiar

O gremio militar de Lourenço Marques, que ainda recentemente inaugurou a sua nova sede, acaba agora de estabelecer tambem o seu tennis court, com uma festa que foi numerosamente concorrida especialmente pelo elemento feminino que na nossa cidade africana manifesta

um grande entusiasmo por aquelle genero de sport.

O gremio militar de Lourenço Marques é um dos principaes elementos locais de reacção contra a inevitavel monotonia da vida nas colonias e por isso merecedor de todas as sympathias.



Varios officios na sala de bilhar do Gremio Militar

NO PAIZ DO CACÁU

Viagem de S. A. o Príncipe Real



que todos os visitantes estrangeiros são unânimes em reconhecer a sua prodigiosa fecundidade agricola e enaltecer o seu rapido desenvolvimento economico.

«Em parte alguma do mundo», diz, por exemplo, um explorador francez, «se realizou, talvez, tanto trabalho n'um tão curto espaço de tempo, com tão poucos braços e com tão escassos meios.»

S. Thomé começou por ser uma colonia de povoamento, como o foram os Açores e antes d'estes a Madeira, da qual foram para lá os colonos que deviam constituir o fundo da população, e, como succedeu com a Madeira, a canna saccharina constituiu a grande cultura local, explorada com intensidade e beneficio certo, durante um periodo de dois seculos ou mais. O assucar do Brazil veio, porém, bater o de S. Thomé, e nos fins do seculo XVIII começaram a realisar-se na ilha as primeiras plantações de café. A nova cultura progrediu, constituindo, por cerca de meio seculo, a fonte principal da riqueza da ilha. Foi de facto com o café que S. Thomé começou a enriquecer, mas a idade aurea do seu progresso estava ainda por iniciar. Era ao cacau, começado a plantar em 1822, que estava reservado o destino de esvasiar uma cornucopia de ouro sobre aquella terra excepcionalmente disposta para a produção de todas as cultu-

Sua Alteza o Príncipe Real desembarcou em S. Thomé no dia 12 de manhã, conforme estava marcado no programma official da viagem. Alojou-se no palacio do governo e percorreu as ruas principaes, visitando o hospital, e, a dois kilometros da cidade, a roça «Blu-Blu», notavel pela sua admiravel queda de agua. No dia seguinte, o sr. D. Luis Philippe realizou uma visita á roça «Das Entradas», propriedade do sr. Henrique de Mendonça e que é citada pelos proprios estrangeiros como modelar. Em seguida, embarcando na praça de Diogo Nunes, partiu para o norte da ilha, onde fica situada a grande fazenda do «Rio do Ouro», pertencente ao sr. conde de Valle Flôr, e em que Sua Alteza pernottou. No dia 14 o Príncipe visitou a roça «Agua Izé» e passando pelo «Monte Café» foi embarcar na Praia do Rei. O artigo que segue, além de algumas noticias rapidas sobre S. Thomé, descreve as principalmente duas roças dos srs. Henrique de Mendonça e conde de Valle Flôr, nas quaes Sua Alteza foi hospede *****



A cascata de Blu-Blu

A primeira estação do itinerario da viagem do príncipe real foi naturalmente S. Thomé, que é talvez a primeira colonia africana de plantação, e que é, sem duvida, o nosso melhor braço moderno de povo colonizador. Essa pequena ilha, pela extraordinaria fecundidade e riqueza a que attingiu, tornou-se effectivamente o melhor testemunho do valor do esforço e da capacidade do trabalho portuguez. Todos os mestres e livros recentes de sciencia da colonização a citam como um modelo a seguir no genero, do mesmo modo



Henrique de Menção



Conde de Valle Flór

ras tropicaes, e que n'esta encontrou um verdadeiro Pactolo. Pode bem dizer-se assim, desde que a propriedade agricola da ilha é avaliada em perto de duzentos mil contos, e que n'essa avaliação a parte que avulta é a das terras do cacau. S. Thomé é hoje o maior cacausal do mundo, fornecendo annualmente uma produção superior a cinco mil contos. Manteem-se ainda as outras culturas, e o proprio café, apesar de ter baixado muito, continua a alcançar um rendimento bastante importante. E' o cacau, porém, que vae conquistando e absorvendo todos os terrenos, estabelecendo-se cada dia mais como a cultura predominante da ilha. O dr. Strunk, director do jardim de Victoria, accentuando a extraordinaria rapidez com que se tem produzido este desenvolvimento, escreve no relatório da sua visita á ilha portugueza: «A cultura do cacau em S. Thomé, nos ultimos quinze annos, tomou tal preponderancia, avançou de maneira tão sensivel, e deu resultados tão admiraveis e tão persistentes como

nunca em igual espaço de tempo se puderam lograr n'um pequeno territorio identico ou igual ao seu.»

Quanto terreno possuia a ilha e podia ser aproveitada encontra-se entregue á cultura, com excepção apenas de uma mancha florestal que ainda existe no centro, mas que provavelmente não persistirá já por muito largo tempo. A lição do acrisolado e tenacissimo esforço, que foi necessario empregar para fecundar um solo tão escarpado e pedregoso como é o da maior parte das propriedades de S. Thomé, tem causado verdadeira impressão de surpresa a todos que tem tido occasião de vel-a e contemplal-a.

A primeira fazenda que o principe real visitou, a que se denomina Blu-Blu, é relativamente pouco importante; as suas plantações são já antigas e, por isso, depauperadas. Constitue, porém, um passeio obrigado, para admirar a esplendida cascata formada pelo rio Agua Grande que n'ella passa. As outras tres roças onde o sr. D. Luiz Filipe foi, porém, essas são muito importantes, quer pe-



Palacio do governo em S. Thomé



Casa de habitação do sr. Henrique de Mendonça na roça Boa Entrada

perfeita organização dos seus serviços, quer pela extensão da sua área de exploração e largueza de rendimento.

A primeira d'ellas, a magnífica propriedade Boa Entrada, pertencente ao sr. Henrique de Mendonça, e constituída por diversas roças obtidas por aquisi-



Senzalla—Grupo de casas dos trabalhadores na roça Boa Entrada

ções successivas, abrangente presentemente um a área de 1:700 hectares. É considerada uma fazenda modelar, na qual se encontram introduzidos todos os aperfeiçoamentos culturais e progressos técnicos, bem como resolvida a situação da mão de obra de

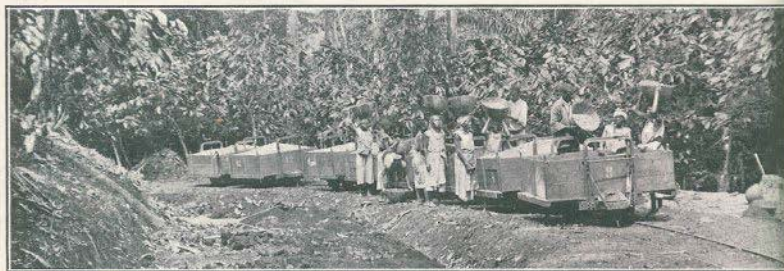


Conjunto de construções da roça Boa Entrada (1905)

uma maneira que pode ser tomada como exemplo em toda a parte. O tratamento, a aposentadoria, a alimentação dos serviaes durante o periodo do contracto, merecem tão particular e esmerado cuidado que um visitante estrangeiro chega a affirmar «ter adquirido a convicção de que na Alemanha o sustento dos trabalhadores nas grandes propriedades ruraes não é por certo melhor». A assistencia medica encontra-se egualmente assegurada por uma fórma muito completa. Ha um hospital geral, obedecendo a todos os preceitos da moderna hygiene hospitalar e ainda outro mais pe-



Hospital da roça do sr. Henrique de Mendonça



Os pretos enchendo vagonetes com cado acabado de descascar

queno destinado aos doentes atacados de males contagiosos. «Muitas cidades da Europa e innumeraveis cidades das colonias», diz outro viajante estrangeiro, «não pos-

suem hospitaes tão bem delineados e sustentados.» A pharmacia addida aos hospitaes está provida de tudo quanto pode ser necessario no vasto arsenal therapeutico

e cirurgico moderno. A propria habitação dos trabalhadores recebeu ao illustre proprietario um desvelado interesse. Em varias antigas sanzallas construíram-se casas de tijolo, cobertas de telha, ladrilhadas e caiadas, como mostra uma das photograburas que acompanham este artigo. As outras representam egualmente as principaes installações da magnifica roça do sr. Henrique de Mendonça, todas modernas, escrupulosamente acabadas e dotadas de todos os melhoramentos que podem comportar. Sob este ponto de vista a fazenda Boa Entrada é effectivamente modelar, como o é ainda pela inexcidível perfeição dos seus machinismos e utensilios technicos, adquiridos nas casas dos mais acreditados fabricantes da Europa e americanos.



Roça Boa Entrada—Espalhando cado nas eiras (terreiros) para secar

As culturas industriais da roça Boa Entrada, além do cacau, que predomina, são o café e a borracha, mas ha ainda plantações de palmeiras, bananeiras, arvores do pão, noz de kola, abacota, jaca, manga, etc. O sr. Henrique de Mendonça, com uma notavel previdencia, que muito abona o seu elevado criterio, não só tem conservado o cafezeiro, que em S. Thomé vegeta perfeitamente desde o nivel do mar até á altitude de 1:400 metros, como tem desenvolvido outras culturas e ensaiado algumas novas. Em 1905, por exemplo, havia na Boa Entrada cerca de 22 mil palmeiras e continuava a alargar-se tambem as plantações de *Castilloas*, *Heveas* e outras plantas productoras da borracha, das quaes mais de uma especie estava sendo cultivada experimentalmente na roça. O eucalypto, de que se fez tambem um ensaio, não vingou.

A proposito da utilidade de novas culturas, diz com razão o distincto proprietario da roça Boa Entrada, em uma interessante monographia que publicou em 1906: «A 700 metros dão-se a canelleira e a banilha, as thuyas, o chá, a camelia, a bananeira, principalmente a *Musa paradisiaca*, etc. A canna saccharina dá-se bem em S. Thomé, mas a sua cultura tende a desaparecer. No entretanto a sua exploração industrial foi nos tempos iniciais da occupação e povoamento a maior fonte de riqueza da ilha de S. Thomé. O abandono da sua cultura talvez não tenha razão de ser. Tendo o cacau e a banilha e podendo ter o assucar, não poderia, em certas circumstancias, o fabrico local do chocolate ser uma oportuna compensação para os agricultores?»

Na realidade, é de toda a conveniencia que os fazendeiros de S. Thomé se não circumscrevam a uma cultura exclusiva, e por isso a intelligente iniciativa do sr. Henrique de Mendonça, que se tem consagrado com particular affecto aos estudos da agricultura tropical, é merecedora do mais incondicional louvor.

O conjunto das propriedades pertencentes ao sr. con-



Formando montes de capsulas de cacau para desaccucar, na roça Boa Entrada

de de Valle Flor, que recebeu a denominação geral de *Rio d'Ouro*, e que foi agora visitado por sua alteza, abrange uma vasta area, tendo a sua frente na praia chamada de Fernão Dias e estendendo-se para o interior, pelo meio das mais variadas regiões, que participam de climas e altitudes diferentes, prestando-se por isso ás mais variadas culturas.

Esta fazenda, que é hoje uma das mais extensas e completas que existem em S. Thomé, fica ao norte da ilha e offerece facil accesso, quer por terra, quer por mar.

Fernão Dias, que é o seu porto de embarque, fica ao centro de uma vasta bahia do mesmo nome, muito abrigada, n'este tempo, das brisas do sul. É servido por uma bella ponte, com guindaste, onde atracam as embarcações, e até onde chega a locomotiva, que faz os serviços de transporte, para a séde n'uma lhuha de 8 kilometros.

Foi pela via marittima que o príncipe real deve ter feito a sua entrada nas propriedades do sr. conde de Valle Flor, dirigindo-se



Castilloas e Heveas (arvores productoras da borracha) com cinco annos e meio

para ali no rebocador da alfandega e desembarcando na ponte, que deixa ver o vasto hangar e os grandes armazens de importação e exportação. Ali o deve ter esperado a locomotiva, que em pouco tempo o transportaria, — serpenteando por entre as plantações, galgando a ponte sobre o rio do Ouro, a desembocar em pleno povoado, — ao centro das vastas edificações que formam a sede da propriedade constituindo uma vasta area occupada por edificios de toda a ordem, terreiros, officinas, e onde uma população trabalhadora, no meio de festas e galas, certamente a colheu entusiastica e cheia de regosijo o herde-



Piscina na roça do sr. Henrique de Mendonça



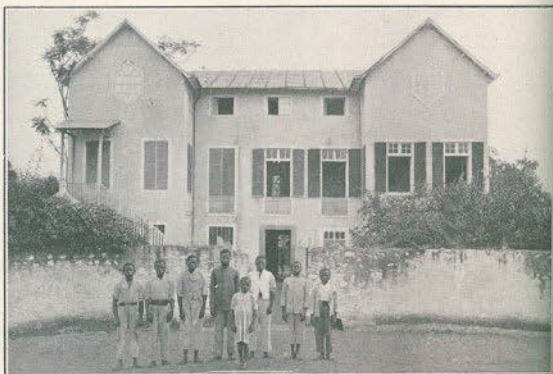
Taboleiros volantes para seccar cacau e armazem para ensacar

para a preparação do café, armazens, lojas, escriptorio, casas de empregados e trabalhadores, crèches, e ao fundo o vasto hospital, com as suas grandes enfermarias, pavilhões isolados, cozinhas, casas de banho, pharmacia e capella, formando tudo um conjunto grandioso, que revela a importancia da exploração agricola d'aquella propriedade.

E' na face opposta ao hospital que fica a casa de habitação do dono da propriedade, onde o principe real seria alojado, e que domina toda a area de edificações, tendo pelas costas o parque e jar-

ro da corda de Portugal.

Foi na sede da sua immensa exploração, no Rio do Ouro, que o conde de Valle Flor preparou ao principe real uma recepção fidalga decerto, como o é o seu espirito, e deslumbrante naturalmente, como lh'o permite a sua elevada fortuna. Ao mesmo tempo, porem, que sua alteza experimentaria uma legitima satisfação por essa cordeal homenagem, ali encontrou tambem muito que estudar, pois que é n'esse ponto que se encontram todos os serviços das extensas propriedades: as officinas de carpinteria e serralheria, os seccadores de cacau, os vastos terreiros de café, armazens de escolha e ensaque, a vasta casa das machinas



Casa de habitação na roça Rio d'Ouro, onde pernoitou no dia 13 o principe real

dius, que possui ao centro uma bella rua de palmeiras, onde se veem lindos e magnificos exemplares.

Toda a propriedade do Rio do Ouro está dividida em 13

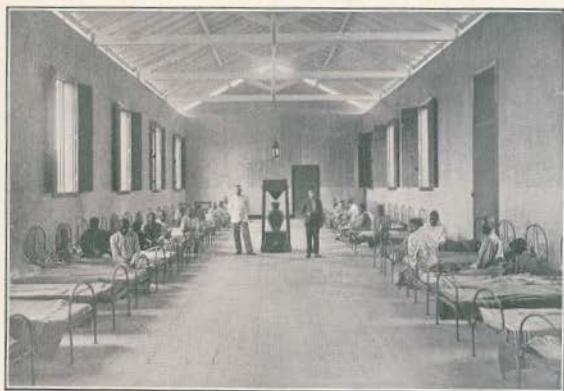
dependencias ou secções, que se estendem em diversos sentidos, e estão ligadas á sede por estradas carreiras e linhas ferreas assumindo estas ultimas uma importancia consideravel, visto que atingem já 60 kilometros e persegum. Cada dependencia, tem a sua vida propria, com o seu pessoal de europeus e de trabalhadores e as suas edificações especiaes, mas tudo subordinado á administração geral.

As culturas que se exploram n'esta imensa proprie-

dade são, pela sua ordem de importancia, em primeiro lugar o cacau, a seguir o café arabico e o da Liberia, a quina, a baunilha, o azeite de palma, e a banana pão

para alimentação do pessoal. Também ali se trata de desenvolver a cultura da borracha, e para isso se teem feito sementeiras das especies *Landolphia*, *Hevea Brasiliensis*, *Funtumia elastica* e *Castilloa elastica*.

Proximo a Fernão Dias ha umas extensas plantações de canna saccharina, do qual se fabrica aguardente, para o que existe



Uma enfermaria do hospital da roça Rio d'Ouro

uma instalação completa.

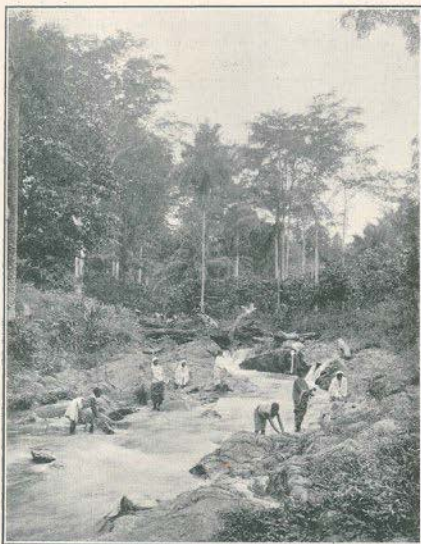
A magnifica roça possui tambem os mais variados fructos tropicaes e muntos do Brazil.



Roça Rio d'Ouro: Cacoeiro em plena produção



Magnifico aspecto de uma cascata do Rio d'Ouro



Pretos lavando no Rio d'Ouro

Além d'esta propriedade o conde de Valle Flor possui as da Bella Vista e Valle Flor, que ficam mais proximas da cidade, e sustentam um pessoal trabalhador de 250 individuos, e Diogo Vaz, tambem uma das boas propriedades da ilha, que fica na freguezia das Neves, e comporta um pessoal da perto de mil trabalhadores.

O plano das obras e melhoramentos a introduzir, tanto nas roças do sr. conde de Valle Flor, como na do sr. Henrique de Mendonça, está ainda longe da sua completa execução, apesar do muito que um e outro tem trabalhado e da actividade e boa vontade com que tem sido secundados pelos seus collaboradores. Ainda assim, o que está já feito, e que é muito, muitissimo mesmo, denota o largo pensamento a que obedecem os dois illustres proprietarios de S. Thomé e constitue um exemplo que lhes tem merecido a admiração e os louvores de quantos tem visitado a Boa Entrada e o Rio d'Ouro.

A ultima roça que o principe real visitou foi a de Agua-Ize, antiga propriedade do visconde de Malanza e actualmente

pertencente á Companhia da Ilha do Principe. É uma rica fazenda de 8 mil hectares de extensão, quasi metade dos quaes está entregue á cultura.

Como nos escasseiam informações directas sobre esta roça, aproveitamos, para completar este artigo as que a seu respeito e do seu administrador, o general Claudino de Sousa Faro, publicou o conhecido explorador belga Theo Masui, que visitou S. Thomé ha cerca de seis annos:

«Agua-Ize, é o nome da quinta principal onde se concentra toda a administração e onde se reúnem todos os productos para embarque: é uma perfeita cidade, com canalisação de agua, fontes, jardins, vias ferreas, avenidas com sombra; além das casas de habitação ha uma officina a vapor para o descasque do café, fabricas mechanicas, *hangars*, enxugadeiras e armazens.

Uma ponte de madeira facilita o descarregamento das mercadorias; só os vapores não podem acostar, fazendo-se então o trasbordo para lanchas.

As casas dos europeus são construidas de pedra, com um certo luxo: a residencia do general é de um andar, rodeada de terraços, formando jardins suspensos do mais bello effeito; tenho á minha disposição um vasto quarto de cama e um outro de toucador, os mais confortaveis que tenho visto de ha muito tempo.

As construcções dos serviaes são sempre pelo modelo habitual, construidas de alvenaria e cobertas de telhas, divididas em pequenos quartos e lembram as nossas villas operarias: cada familia occupa um d'estes quartos a que fica annexa uma pequena horta.

Para serviço das plantações ha algumas estradas carreteras e caminhos onde podem passar carros de duas rodas; graças á iniciativa do general, collocaram-se fortes vias Decauville e um systema completo de via ferrea, da qual 5 kilometros já estão funcionando, o que, dentro em pouco, permitirá uma exploração mais pratica.

O general convidou-me e quiz acompanhar-me na visita ás plantações e juntos demos grandes passeios. Chegadas



Vista da roça Diogo Vaz, do sr. conde de Valle Flor



Roça Rio do Ouro—Em dia de pagamento de fôrças.

no principio da linha ferrea subimos para um vagon pequeno com dois bancos e coberto, arranjado como uma carruagem de comboio e puxada por duas mulas; é um meio de locomoção muito agradável.

«A via De-auville parte de Agua-Izé em duas direcções, a que se encontra mais ao norte, prolongada, chegará á cidade, e é intenção do general acabar esta obra a fim de levar os productos directamente ao porto e evitar os trasbordos actuaes.

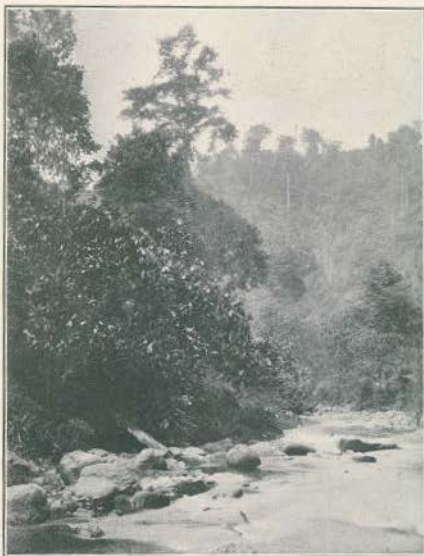
«Durante kilometros, para qualquer lado que olhemos deparam-se-nos sempre cacauzeiros com o tronco e as ra-

mas carregadas de fructos dourados, nos sitios em que a colheita ainda se não fez; as plantas novas abrigam-se ás bananeiras e as *eleis* são muito abundantes; troços de serviçaes trabalham, occupando-se na colheita, no transporte do cacau, na limpeza, na transplantação, outros substituem as plantas que morreram ou as que nasceram antes de tempo.»

Supponho ter satisfeito o intuito d'este artigo, e dar aos leitores da *Illustração Portuguesa* algumas impressões sobre as principaes fazendas da ilha de S. Thomé, por cuja visita Sua Alteza o Principe Real começou a sua digressão colonial.



O porteiro da roça Boa Entrada do sr. Henrique de Mendonça



Roça Boa Esperança (dependencia da roça Rio d'Ouro)

LÁ POR FÓRA

AS CORRIDAS DE ASCOT (INGLATERRA)



ACABAM de analisar em Inglaterra as mais importantes corridas de cavallos depois do Derby. Ascot dista apenas alguns kilometros de Windsor, de cuja estação para ali se vai em omnibus e grandes char-à-bancs.

As edificações do hippodromo são importantes. Domina-o uma grande torre de relógio proximo da tribuna real. Esta é cercada pelo chamado «Royal Enclosure» exclusivamente destinado ao corpo diplomatico e pessoas de grande distincção, onde o rei e os principes frequentemente descem para conversar. As restantes galerias de diferentes preços, nunca baratas, são divididas por



A corrida chamada Ascot-Stakes—Sally, vencedor da grande corrida Royal Hunt Cup—A chegada na Royal Hunt Cup. (Vê-se por detraz da grade a fila dos mail-coachs servindo de palanques)



Uma vista geral da assistência—A galeria elegante (Grand Stand)



*A retirado: esperando um convidado—
Cruzando a pista n'um intervalo—A tribuna
real: a Rainha com a duquesa
de Devonshire, e ao lado o Rei e o Príncipe
de Gales—Fila de mail-coachs, servindo
de palanques—O recinto da tribuna real (Royal
Enclosure)—Trecho do recinto
do mail-coachs*

clubs e primeira sociedade. Muitas famílias ricas teem ou alugam uma casa em Ascot, onde vão passar a semana com uma party de amigos. Quem tem mail-coach vae n'elle com vistoso grupo de damas em toilettes claras elegantíssimas e d'uma frescura que se não vê em nenhuma outra parte. Estes carros formam em fila do outro lado da

pista em frente da tribuna real. Tirados os soberbos cavallos, servem de palanques e ali passam o dia os donos e convidados, sendo-lhes servido o lunch e o chá pelos respectivos creados.

Em volta d'estes carros a multidão, que tem entrada livre e se apinha em comboios continuos, é compacta.

MEMÓRIAS DO Chete Jacob



Casa da rua da Bempostinha

(CONTINUADO DO NÚMERO ANTERIOR)

A FAMÍLIA DO LAVRADO UM GRANDE AMOR
COMO O JACOB ACREDITA EM BRUXAS E
COMO AS BRUXAS NÃO CONHECEM O JACOB

Todos os dias os jornaes fallavam n'esse crime do beco da Barbaleda; até já era um escândalo. Estávamos a 15 d'agosto, o caso dera-se como já disse em dezembro. Como havia de chegar a uma conclusão?!

Era realmente um caso singular. Uma mulher assassinada ao fundo d'um beco no centro da cidade, rodeado o crime de mysterio, sem um iudicio, sem uma luz.

Puz-me a pensar que tudo se passára a coberto, veio-me a razão de julgar que não fóra na rua que a anavalharam porque se teriam ouvido gritos, pois ninguém é assim esquarterado em silencio; pensei isto e tambem que a tinham levado depois para o escuro do beco e ali a tinham abandonado. Mas a perna magoada pela roda do trem?! Haveria então uma carruagem com o seu cocheiro de segredo como nos romances?! Moraria alguém de posição n'aquelle logar immundo?!

Tudo eram interrogações, pontos corcovados que eu via nas arvores, nos candieiros e até nas nuvens quando as olhava a caminho da Bempostinha onde a morta habitára. Olhei o predio, era o n.º 120, e achei-lhe um ar alegre; no 2.º andar havia uma gaiola com um canario. Subi ao primeiro, bati, veio uma creada velha de lenço preto amarrado debaixo dos queixos.

Falei-lhe da D. Maria da Piedade, da assassinada; vinha saber da familia d'ella.

A velha empelhançou a face, volveu desabrida: — Então não sabe que ficou debaixo d'um trem!

Enquanto á familia só conhecia a da parte do marido que nem se dava com a senhora. E concluiu:

— Olhe eu até venho todos os dias fazer a limpeza, porque ella d'aqui não quer nada e como o senhor está fóra, enquanto não vier não se toca em cousa alguma...

Contou-me, porque lhe puxei pela lingua, aquella viagem do marido da morta. Andava por lá havia tempo. Que ainda a mulher vivia. Citou-me uma data.

— O que?! Não veio quando soube da morte!?

— Não, senhor. Não vê que elles não viviam juntos! Ella era muito ciumenta, azedava-lhe a vida... Depois como era de idade e elle um rapaz...

Soubes da velha que D. Maria da Piedade era filha d'um proprietario de Chellas, chamado Lavrado, que o marido tambem era rico, de boa gente, e lhe dava uma mesada.

De repente encarei-a e perguntei:

— E onde passou a sr.ª D. Maria a

noite do Natal?!

Bateu com a vassoura na hombraira e respondeu do chofre:



«... Dei-me o ar de um gaúcho e fui-me até Chellas...»

— Sei lá... Ella nunca me deu parte do que fazia...

Não houve forma de lhe arrancar mais nada; mas no seu olhar notava-se medo, as suas mãos tremiam, exclamava:

— Ora agora, ao fim de tanto tempo!... Sei lá... Isso não é commigo...

Falei em levá-la ao commissariado, caiu desmparada n'uma cadeira; mandei buscar um trem e ella desfalheceu: depois n'um estoregar que lhe veio, foi para dentro da carruagem nos meus braços e d'um guarda que chamei. Por signal era o 100, o Barreiros... Deu em gatuno! E diante do commissario debatia-se, fazia juramentos:

— Não sei nada! Não sei nada!...

Elle olhou-me com o seu eterno ar de troça e disse:

— O' Jacob, você julga-a com força para commetter o crime?!

Apontava-a caída no chão a estrebuchar e com um desdenhoso modo mandou-a levar para o hospital.

E como acolhesse os hombros sem vêr uma pista a seguir, elle acrescentou:

— Por uma bella manhã enverguei uma jaqueta, peguei n'um varapau, encafei um barrete na cabeça, dei-me o ar d'um ganhão e fui-me até Chellas onde o pae da morta vivera. Acertei com a casa e a meio do pateo, cheio d'ortigas, disse ao feitor que vinha vêr o sr. Lavrado; fôra creado d'elle e desejava de novo trabalho.

Já havia em roda mais gente e um bando de fedelhos; o homem esgarçou a bocca n'um riso.

— Que fôsse ao cemiterio... O sr. Lavrado já lá estava com os anjos...

Isso sabia eu, mas fingi-me condoido, pasmado e exclamei:

— E a menina, a sr.ª D. Maria da Piedade?!

Uma mulher que dava de mamar a um pequeno, retorquiu:

— Então não sabe que a mataram em Lisboa?!.. E' o que dizem os jornaes... Agora a sr.ª D. Libania essa tem ali uma loja na Praça da Figueira...

— A D. Libania?!

Estaria ali uma pista?! A mulher ia dizendo que se tratava da tia da morta e eu perguntava a mim mesmo o que haveria de commum entre ella e a sobrinha a quem naturalmente nem falava. Que



Casa da rua da Boa Vista

En empallideci. Só perguntei:

— Porque guarda ella a casa da D. Maria desde ha tantos mezes?! Onde esteve até agora?!

Fui d'ali ao Governo Civil, mandei procurar na data indicada o passaporte em nome de Martinho d'Oliveira e Silva; falei com dois irmãos d'elle, pedi lhes noticias:

— Não sabiam... Que andava em viagem... Mandavam a creada guardar a casa e não queriam tocar em cousa alguma.

E eu sem um indicio, sem saber onde elle parava.

— Porque?!

— Era decerto quem me podia informar ácerca das pessoas da convivencia da mulher. Quem sabe se não me daria luz ao caso cada vez mais intrincado.

— Que faria o senhor no meu logar?!—interrogou o chefe Jacob.

podia então essa mulher saber?!

Atravessei as terras que estavam secas por esse mau setembro, galguei até á praça e disseram-me que a mulher vendera a loja, que estava com um capitão mercante e que habitava na travessa da Palha. Já se mudára tambem; agora residia na Boa Vista, no predio 64. Ao mesmo tempo dizia commigo que de pouco me serviria a tal Libania...

Não prguei olho n'essa noite; andei ás voltas na cama, recordei o crime nas suas mudezas, lembrei-me de repente da desconhecida, a unica pessoa que fôra vêr a ferida ao hospital. Quem sabe?! Talvez fôsse a Libania sabedora da noticia pelos jornaes...

Andei como doido até ao meio-dia e só soceguei, quando ao andar da rua da Boa Vista, vi na minha frente a tia da morta. Era gorda e baixa, devia ter sido perfeitaça e trazia uma saia preta; olhava-me

pasmada e eu de chofre, junto á cancella, dizia-lhe:

— Venho por causa de sua sobrinha... Da que morreu... A D. Maria da Piedade...

— Ouviu-lhe tambem essa historia quando a visitou no hospital?!

Parecia que a picáva; mediu-me e perguntou:



«O chefe Jacob pouco antes de adoecer, há semanas

Pôr a mão sobre os olhos em pala, e disse:

— Oh! Coitadinha... Aquelle maldito trem... Elles andam ahi sempre á desfilada...

— Quem lhe disse que eu lá fui?!

— Sabe-se... Depois como ella não se dava com a gente do marido...

— Ah! Tudo pelo ciúme d'ella!...
Quiz então ouvir se o marido teria uma amante para os lados da Mouraria, perguntei-lhe o que sabia e ella, com franqueza, voltou:

— Não sei... E' gente com quem não me ligo! Mesmo com ella, pouco... O Martinho deixára-a e dava-lhe uma pensão... Morava lá para o Campo

de Sant'Anna... Mas a culpa foi d'ella... Sempre com ciúmes, sempre com ralhos, sempre por casa de mulheres de virtude a querer arranjar maneira de o prender... Já vê que o homem aborreceu-se e pôz-se a andar, julgo até que foi para fóra!... Coitadinha! Já está descançada!...

Perguntei-lhe, já na saleta, entre os dois almofadões do canapé, se não extranhava que a sobrinha andasse por aquelles sitios a taes horas e voltou a dizer:

— Sim... Realmente... Julgo que para ali não tinha visitas... Mas como pouco me dava com ella!...

— E o trem?...
D. Libania, como se puzesse um juramento no que dizia, respondeu:

— O trem?!
Ah! Sim... Eu não acredito... Tinha a barriga picada... Os jornaes para ali andam a bramar...

Não sabia mais uada e eu via o caso cada vez mais enredado.

Aquella mulher, como toda a gente, tinha a convicção de que a sobrinha fóra assassinada. Mas por quem?! Onde?! Com que fim?!...

— E não se teria ella suicidado, doida de ciúmes, não iria para ali espiar alguma amante do marido?!— perguntei ao chefe Jacob; julgando acertar com o caso.

Elle olhou-me e com o seu sorriso arteiro e volvu:

— Onde estava então a arma com que se ferira? E o trem que lhe passou sobre a perna?! E as pisaduras do hombro?! E a coragem necessaria para se esquarterar?!... Uma mulher não se suicida assim... Ou bebe veneno, ou atira-se ao mar, ou asphyxia-se entre dois fogareiros...
— Mas como chegar a um fim?!...

— Tinha no ouvido uma phrase da Libania e não queria sair sem a destrinçar.

— Qual?! perguntei de novo.

— Que a sobrinha andava mettida com mulheres de virtude para captar o marido... Quando o fazia antigamente, melhor o devia fazer depois de separada... Se pudesse descobrir alguma d'ellas, talvez que soubesse o que desejava... Só uma cousa... Onde ella passára a noite do crime!

Mas D. Libania, quando lhe falei em algumas resmungou, disse que não se dava com essa gente, sabia d'uma lá para cima para o Bairro Alto, ou para o Carmo, mas nanja que lá fosse!

Perdi então tempo á cata de bruxas pela cidade; procurei-as perto do beco, atravessei as vielas da Mouraria, soube de cór e salteados os seus nomes, descobri que mesmo fidalgas consultavam as de mais fama e acreditei

que a mulher de Martinho d'Oliveira e Silva, homem de teres, as fosse procurar tambem e entre as mais conhecidas.

Mas onde?! Sim... Onde fóra ella?! Ah! Tivesse eu um indicio...

— E o que fez?!...

— Vae vêr agora como eu acredito em bruxas e como ellas não tem a virtude de me conhecerem!...

(Continúa)

ROCHA MARTINS.



«Os avejeiros eram um ninho de corujas»

Discos Simplex de double face, os melhores pela sua nitidez e duração contendo o mais VARIADO E MODERNO REPERTORIO em musica e canto dos melhores auctores NACIONAES E EXTRAN-GEIROS. Marca registrada, propriedade exclu-

siva de J. Cas-
tello Branco. 
Preços excep-
cões e grandes des-
contos para a ven-
da no Brazil e co-
lonias portuguezas,
chinas fallantes.

Simplex


Grande deposito de discos e ma-
PEDIR **J. Castello Branco**
  CATALOGOS a

Rua de Santo Antão, 32, 34 e 82 — LISBOA


UNION MARITIME E MANNHEIM

Companhia de seguros postaes, maritimos e de transportes de qualquer natureza

A companhia LA UNION Y EL FENIX ESPAÑOL, rua Prata, 59, 1.º, effectua seguros sobre a vida mediante varias condições, inclusive o seguro denominado POPULAR para o qual não é necessario certificado medico.

Directores em Lisboa: LIMA MAYER & C. 

** RUA DA PRATA, 59, 1.º — LISBOA **

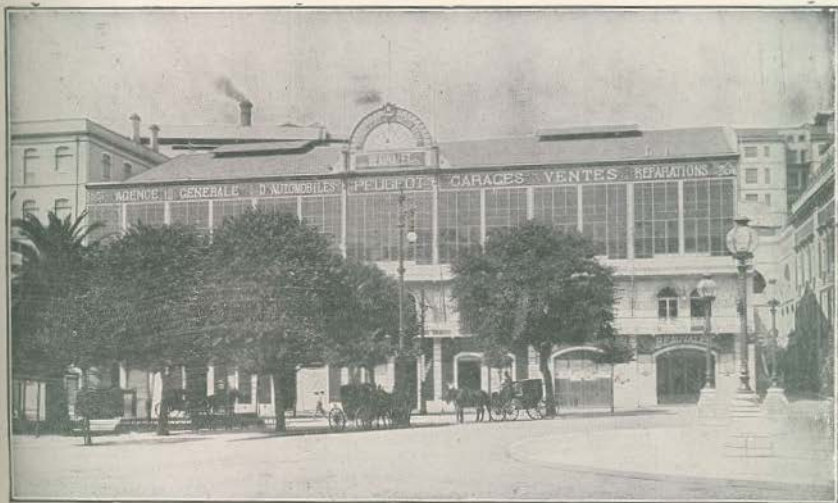
Farinha
lactea 

Nestlé

Preço 400 réis

36 medalhas de OURO incluindo a conferida na Exp. Agricola de Lisboa

A mais importante casa de AUTOMOVEIS em Portugal





ALBERT BEAUVALET & C.ª Representante de PEUGEOT A MAIS AFAMADA MARCA DE AUTOMOVEIS. PRAÇA DOS RESTAURADORES, LISBOA

Companhia do

Proprietaria das fabricas do Prado, Marianais e Sobri-
cintinho (Chomar), Penedo e Cas-
tal d'Hermito (Louzã), Valle
Abator (Albergaria a Velha).


Papel do Prado

Installadas para uma produc-
ção annual de cinco milhões
de kilos de papel e dispondo
dos machismos mais aperfei-
çoados para a sua industria.

Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa promptamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer qualidade de papel de machina continua ou  redonda e de forma 

LISBOA — 270, Rua da Princeza, 276

PORTO — 49, Rua de Passos Manuel, 51

 Ender. telegraphicos: LISBOA, COMPANHIA PRADO
PRADO — PORTO — LISBOA Numero telephonicos: 508



Seios

Desenvolvi-
dos, recons-
tituidos, afirme-
scados, fortificados com
**** as ****
Pilulas Orientaes

O unico producto que
em dois mezes assegura o desenvol-
vimento e a firmeza do peito sem
causar danno algum á saude. Apro-
vado pelas notabilidades medicas.
**J. Ratié, Ph. 5, Passage Ver-
deau, PARIS.** Franco com instruc-
ções, 1\$500 rs. Franco para vale
do correio, enviado a **J. P. Bastos
& C.ª, 39, R. Augusta, LISBOA**

Seguros de vida com sorteio semestral em dinheiro



Sociedade de Seguros mutuos SOBRE A VIDA

Sede social: RIO DE JANEIRO — Filial em Portugal: Largo de Camões, 11, 1.º - Lisboa

A EQUITATIVA DOS E. U. DO BRAZIL

Já é vantajosamente conhecida em Portugal, onde tem tido o melhor acolhimento. Sendo puramente mutua todos os seus lucros pertencem exclusivamente aos segurados. A Directoria local resolve sobre todos os assumptos, inclusivé a aprovação de propostas e pagamento de sinistros 24 horas após a apresentação das provas de morte.

Seguros de vida com sorteio semestral em dinheiro unicamente adoptado pela Equitativa

DOTAÇÕES DE CRIANÇAS DE 1 AOS 15 ANOS

Nos sorteios de abril e outubro de 1905, abril de 1906 e abril de 1907 foram contempladas as seguintes apolices, recebendo os segurados as respectivas importancias e continuando as mesmas em pleno vigor, a saber:

20180 — D. Amélia Marques da Costa Barros, Porto.....	1:000\$000	20613 — M. Joaquim Casimiro Ivo de Carvalho, Lisboa.....	1:000\$000
20070 — Dr. João Maria da Costa, Alpiarça.....	1:000\$000	21539 — José Antonio Rodrigues, Bombarral.....	1:000\$000
20291 — Lino Joaquim de Almeida Aguiar, Lisboa.....	1:000\$000	22050 — João Garcia Augusto, Estremoz.....	1:000\$000
20899 — José João Telhada, Santarém.....	1:000\$000	20508 — José Francisco Excuto Junior, Caldas da Rainha	1:000\$000
20318 — D. Maria da Silva Catharino, Alpiarça.....	1:000\$000	19596 — (provisório) Adelino dos Santos Cereza e esposa, Cantanhede.....	1:000\$000
20330 — Dr. Antonio Cesar Almeida Reina, Figueira da Foz.....	1:000\$000	22273 — Joaquim Paulo Marques, Alcaçovas.....	1:000\$000
20755 — José Fernandes Rodrigues, Lisboa.....	1:000\$000	21508 — Manuel Lopes Varela, Aviz.....	1:000\$000
20851 — Abilio de Mattos, Ponte de Lima.....	1:000\$000		

Serão attendidos todos os pedidos de tabeellas de premios-prospectos e outras informações que forem dirigidas á

Filial d'A EQUITATIVA DOS E. U. DO BRAZIL

LARGO DO CAMÕES, 11, 1.º — LISBOA

Agente em Paris: — Camillo Lipman, 26, Rue Vignon